

# **A Leitura como processo semiótico para o estudo futuro de políticas educacionais de aplicação**<sup>1</sup>

Alexandre Dias Paza<sup>2</sup>

Pesquisador do LAPIC – Laboratório de Pesquisa sobre Infância, Imaginário e Comunicação – da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP, onde também está se doutorando.

## **Resumo**

O trabalho que ora apresentamos é fruto de pesquisa de mestrado e pretende demonstrar as possibilidades de conciliação entre diferentes teorias da linguagem de modo a se poder refletir as implicações políticas implícitas e explícitas no ato de ler. Como processo de participação amplo do capital cultural humano, a leitura, do ponto de vista da inserção social, representa um percurso que vai da geração de sentidos à produção de atuação política, fato que não deve ficar de fora das discussões públicas sobre o seu caráter pedagógico e não deve eximir o Estado deste processo. A política entendida como ação de homens entre homens, não só constitui-se como espaço de produção semiótica como também de geração de semiose. É aí que a Leitura não prescinde da reavaliação interpretativa de teorias dispares como as de Bakhtin e de Peirce.

## **Palavras-chave**

Comunicação; semiótica; semiose; leitura; política

## **Introdução**

Ao propormos um estudo semiótico das linguagens, estamos sugerindo, simultaneamente, um certo recorte da semiótica peirceana no que tange a presença humana e uma fusão teórica com a filosofia da linguagem bakhtiniana de modo que

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP Semiótica da Comunicação, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom; Este trabalho é parte constitutiva de Dissertação de Mestrado do mesmo autor, financiada pela FAPESP e intitulada: *A infância capturada: o mito de Míd(i)as*. São Paulo: ECA/USP, 2002.

<sup>2</sup> Alexandre Dias Paza é Professor de Teoria da Literatura e de Pós-graduação nas Faculdades de Guarulhos e Professor e Coordenador na área de Linguagens no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. Mestre pela ECA/USP em Ciências da Comunicação, está se doutorando nas mesmas área e Instituição. No Liceu, também é editor da Revista Eletrônica do LAO-SP.

compreendamos os aspectos particulares que aí estão envolvidos e que são de grande importância para o processo didático-pedagógico, o que de imediato nos remeterá a um certo percurso gerativo de sentido nos moldes definidos por Orlandi. Sem dúvida, a semiótica peirceana se revela como poderoso método hermenêutico quando circunscrita ao campo cultural e, somada à filosofia da linguagem, poderá nos conduzir por um caminho bastante interessante nos processos de leitura dos diversos textos que se nos apresentam hoje no mundo, o que cria aí um caráter político a ser discutido no aporte pedagógico que se pode estabelecer a partir deste método que aqui se apresenta e que, deve ainda, atravessar a pauta das políticas de desenvolvimento pela educação, posto se tratar sempre de um espaço que por excelência se oferece como público.

Fica, de qualquer modo, acentuado o fato de que, neste processo de geração de sentido em que se constitui a semiose (ação do signo), o dialogismo é inevitável em todos os campos, sejam eles expressos nos diálogos interiores do signo (as mediações que ele produz internamente) ou nos diálogos que as mentes produzem mediatizadas por signos. Portanto, é na leitura produzida a partir do emprego efetivo da semiótica como metodologia que experimentaremos este processo dialógico e dialético como algo de essencial presente nos signos e nas linguagens. É daí, inclusive, que se estabelece o princípio de análise para todas as linguagens, sejam elas: visual, sonora, verbal, corporal, plástica, etc., que, em sua potencialidade de ensinar sempre, nos enredam num campo de velamento absoluto. Desvelar este campo dialógico é a tarefa que se impõe e, para tanto, nos embrenharemos numa trilha essencialmente teórica e, concomitantemente, por estar dentro dos limites da comunicação, num percurso político.

### **Uma fusão teórica para o estudo das linguagens**

Na proposição teórica eleita para leitura dos mais variados produtos culturais, considerando o aspecto semiótico como uma das interfaces da comunicação, tomamos como diretriz o imbricamento de dois pensamentos aparentemente distintos. A filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin e a filosofia pragmaticista de Charles Sanders Peirce. A raiz materialista dialética em Bakhtin e a orientação pragmática em Peirce estão sem dúvida na base da distinção entre uma teoria e outra. Do mesmo modo, ao transferirmos esta metodologia em que se constitui a fusão semiótica apresentada, para a leitura, os pressupostos de Eni Orlandi nos guiarão para uma compreensão pedagógica desta

enquanto processo, de modo a nos orientar para uma direção política, à medida que se desvela aí uma expressão comunicacional de trocas e uma ação de participação no mundo de homens entre homens como deveria conceber o Estado. Isto nos colocará num campo distante de quaisquer semelhanças ou diferenças que possam haver entre os estudiosos, sobretudo Peirce e Bakhtin. No entanto, a distância entre o pensamento destes teóricos é muito menor do que se possa supor. Santaella vem já há algum tempo – para não dizermos há uma longa data –, apontando para as relações possíveis, bem como as possíveis distinções, no entrelaçamento de ambas.

Em seu artigo “*Dialogismo - M. M. Bakhtine e Ch. S. Peirce: semelhanças e diferenças*” (1985), a autora evidencia o dialogismo como ponto nodal de aproximação entre um pensamento e outro:

*“Contudo, por incrível que possa parecer, sob suas latitudes diferentes e no contexto de obras radicalmente dissemelhantes, sem nenhuma possibilidade de intercâmbio de suas idéias, na distância temporal de apenas algumas décadas, ambos os pensadores estavam enfrentando – por vias metodológicas completamente distintas e a partir de referenciais teóricos, à primeira vista, irreconciliáveis – um mesmo problema: a questão semiótica do dialogismo.”* (Santaella, 1985, p.6)

Atente-se para a colocação feita em *à primeira vista*, pois, é justamente a partir de um olhar mais atento, como sugeriu a autora, que nossas proposições se fundarão para uma observação que, partindo dos elementos abordados aí, apontarão percursos possíveis na semiótica peirceana e no dialogismo Bakhtiniano.

### **Do dialogismo à dialética**

Os encontros e confrontos de vozes (o Eu e o Outro) na enunciação ou no ato de fala constitui o cerne dialógico da teoria Bakhtiniana. Para este teórico, é na linguagem que o dialogismo deflagra a intrincada relação dos indivíduos na vida social. A linguagem então não seria algo interno ou externo aos indivíduos. Nem subjetiva ou objetiva. Mas resultado dos diálogos múltiplos que na vida social se dão. Quando ressaltamos aspectos internos e externos, referimo-nos exatamente às correntes subjetivistas e objetivistas da linguagem criticadas por Bakhtin. Para ele, a linguagem funciona como mediadora destas relações. O dialogismo em Bakhtin, portanto, aponta para uma característica da linguagem fundamental para a compreensão das relações infra-estrutura e superestrutura.

*“Para que o objeto, pertencente a qualquer esfera da realidade, entre no horizonte social do grupo e desencadeie uma reação semiótico-ideológica, é indispensável que ele esteja ligado às condições sócio-econômicas essenciais do referido grupo, que concerne de alguma maneira às bases de sua existência material”.* (Bakhtin/Volosinov, 1995, p.45)

Através de seus estudos podemos observar que o caráter ideológico do signo se dá por meio do dialogismo expresso na linguagem. Sendo a linguagem mediadora das relações entre os indivíduos sociais e, estando o signo em operação (ação) no interior desta, este ao transitar de uma esfera à outra, passa a carregar os valores que a ele se acoplam a partir dos atos de fala ou enunciações. O signo passa a ser então o portador da ideologia, pois, ao transitar na função mediadora das relações infra-estruturais e superestruturais, trafegando na cultura dentro de seus aspectos desde (infra-estruturais) cotidiano, nas relações de produção, nas relações econômicas, de lazer, religiosas, artísticas etc., até ao corpo ideológico totalizado da cultura (superestruturais), torna-se o elemento semiótico prene das ideologias que se encontram e se confrontam nestas relações. Daí o caráter deflagrador dos embates sociais – da luta de classes – que a linguagem possui.

Esta mediação da linguagem nas relações infra-estrutura e superestrutura, no entanto, só existe na condição dialética. A linguagem com seus signos ideológicos seria a síntese dos confrontos mediados por ela. Dialética é o termo chave, portanto, para a observação da linguagem em seu caráter semiótico. É também um ponto central na relação teórica Bakhtin e Peirce.

Na teoria semiótica em Peirce, a ação do signo, ou semiose, existe apenas na condição dialética intrínseca no próprio signo. Esta dialética apresenta a forma triádica do signo, como demonstrou Peirce em sua teoria. A tríade signo-objeto-interpretante na semiótica peirceana, portanto, aparece como um diálogo dialético social que funda, através da mediação sígnica, a representação da realidade (do objeto), como nos evidencia Santaella:

*“Dessa forma, o modelo peirceano do conhecimento é triádico, sendo o signo o termo mediador, o meio para o conhecimento. E, na tríade genuína, o objeto do signo não se confunde com uma coisa física ou com a causa material de uma sensação vinda do exterior, mas é, ele também, de natureza sígnica, de modo que, do lado do objeto, estamos sempre diante de uma regressão infinita de signos.”* (Santaella, 1985, p.9).

Nesta ação dialógica, em que a representação se nos apresenta por intermédio de relações sógnicas (um signo gerando outro signo *ad infinitum*, como também propôs Bakhtin), “*a semiose ou ação sógnica é inalienavelmente social. Um ato interpretativo, uma interpretação aqui-agora de um signo não é senão um caso especial do interpretante, visto que este é, por natureza, mais geral, social e objetivo do que um ato particular e exclusivo de um só intérprete.*” (idem, p.10).

Tanto em Peirce como em Bakhtin, temos então, elementos observáveis no signo e em sua ação, que ao contrário da distância, aproxima-os. No diálogo temos uma ponte para a dialética. Talvez, com o diferencial de que para o segundo, a dialética está posta na linguagem como síntese dos confrontos sociais, enquanto no primeiro, a dialética está posta na condição dialógica própria do signo em seu caráter triádico, para o qual a síntese é sempre contínua.

Como também nos evidencia Santaella, no entanto, as teorias se complementam, já que, para ela, a teoria bakhtiniana é o estudo de um caso particular, enquanto em Peirce teríamos uma condição mais geral da ação sógnica. “*Longe de serem antagônicas, portanto, as duas teorias são complementares, pois que Peirce fornece, justamente, as bases epistemológicas que estão faltando à Bakhtine.*” (idem, p.13)

Do mesmo modo, pode-se dizer que em Bakhtin temos os vínculos necessários para uma observação da linguagem atuando no cerne das sociedades. É o vínculo social e ideológico na cultura, atribuído em Bakhtin, o elemento complementar para a observação dos fenômenos culturais na fusão das teorias. Enquanto Peirce percorre metodologicamente a “mecânica” interior do signo, a fim de determinar categorias mais gerais para explicitar as relações do homem consigo e com o mundo, em Bakhtin teremos a busca metódica mais específica de compreensão do signo como deflagrador dos embates sociais. Cabe então a pergunta: que bases peirceanas seriam estas, na complementação a Bakhtin? É o que agora nos propomos a ensaiar como resposta.

### **Causalidade como norte**

Ao buscar uma resposta aos problemas da análise marxista da cultura, no tocante às relações infra-estrutura e superestrutura, Bakhtin aponta um problema:

*“Sempre que se coloca a questão de saber como a infra-estrutura determina a ideologia, encontramos a seguinte resposta que, embora justa, mostra-se por demais genérica e por isso ambígua: ‘a causalidade’. Se for necessário entender por causalidade a mecanicista, como tem sido entendida até hoje pela corrente*

*positivista da escola naturalista, então uma tal resposta se revela radicalmente mentirosa e contraditória com os próprios fundamentos do materialismo dialético.”* (Bakhtin/Volosinov, 1985, p.39)

As preocupações de Bakhtin referem-se aos limites que tal noção de causalidade, por demais estreita, oferece como resposta a esta questão tão ampla como é a relação infra-estrutura e ideologia. Esta também foi uma preocupação (o problema da causalidade mecanicista) do filósofo-lógico-matemático, Ch. S. Peirce. No entanto, enquanto Bakhtin conseguiu uma resposta aparentemente satisfatória em suas análises particulares, ao observar a cultura e seu fenômeno ideológico, a partir das relações passo a passo de um signo com outro (idem, 1985, p.34), e, portanto, não ocupando-se de um detalhamento mais generalizado e categorizado destas relações, ao contrário, Peirce não se deteve nos aspectos ideológicos, e por isso, foi às últimas conseqüências em seu trabalho, de modo a formular categorias que fossem tão abrangentes e gerais, que pudessem servir como base epistemológica e metodológica para o estudo de qualquer área do conhecimento. (Santaella, 1983; 1980; 2001b) e (Grellet, 1991)

Enquanto Bakhtin apontava o problema dicotômico do conceito mecanicista de causalidade, como sendo algo que não respondia à sua questão, por sua simplicidade e resolução óbvia, o que por sua vez não solucionava o problema da estruturação ideológica intrínseca na cultura, Peirce buscava uma solução que compreendesse uma reformulação conceitual da causalidade que se conformasse, de outra feita, à relação triádica do signo.

*“A ação de um signo requer um exame mais detalhado. Deixem-me recordar-lhes a distinção anteriormente feita entre ação dinâmica, ou diádica; e ação inteligente, ou triádica. Um evento A pode, pela força bruta, produzir um evento B; e então o evento B pode por seu turno produzir um terceiro evento, C. O fato que o evento C seja produzido por B não tem nenhuma influência na produção de B por A. É impossível, uma vez que a ação de B produzindo C é um evento futuro contingente ao tempo em que B é produzido. Tal é a ação diática, assim chamada porque cada um de seus degraus diz respeito a um par de objetivos.”* (Peirce, 1980, p.129)

O que está aí posto se constitui na essência da distinção entre um conceito dinâmico e diático e um conceito inteligente ou triádico. No termo força bruta encontraremos esta distinção, já que para Peirce a força bruta, ou causação eficiente, é uma das partes de um processo.

Explicitando a questão, encontramos em Santaella, no artigo *A new causality for the understanding of the living* (1999), um esclarecimento agudo e objetivo da conceituação peirceana de causalidade, bem como suas relações com o signo triádico.

Partindo do processo de causação aris totélico, Peirce, como nos mostra o artigo, promove uma reestruturação conceitual para a causalidade. Esta, evidentemente será triádica. Suprimindo as quatro partes do processo de causação definido por Aristóteles – causalidades material, formal, eficiente e final –, ou equacionando, como prefere Santaella, causalidade material com eficiente e formal com final, “*Peirce reteve apenas o que chamou de duas grandes ramificações da causação: a eficiente, ou força bruta como ação diádica; e a ideal, ou final, como ação triádica*”<sup>3</sup>. (Santaella, 1999, p.500).

Aparece então a questão da força bruta, como causação eficiente ou diática em Peirce, em relação a uma causa final ou ideal. Causação final, em sua descrição é:

*“(...) that mode of bringing facts about according to which a general description of result is made to come about, quite irrespective of any compulsion for it to come about in this or that particular way; although the means may be adapted to the end. The general result may be brought about at one time in one way, and at another in another way. Final causation does not determine in what particular way it is to be brought about, but only that the result shall have a certain general character.(CP 1.211)”* (apud Santaella, idem, ibidem)<sup>4</sup>

*“Causação eficiente, por outro lado, é uma compulsão determinada por uma condição particular das coisas, nas quais atos ou ações fazem com que a situação comece a mudar a partir de um modo perfeitamente determinado; e no qual o caráter geral do resultado pode estar num modo não referente à causação eficiente.”*<sup>5</sup> (idem:ibidem)

O que temos então, é uma relação secundidade e terceiridade no processo de causalidade. Causação eficiente ou diática está diretamente relacionada com o aqui-

---

<sup>3</sup> Tradução nossa. No original temos: “(...), Peirce retained only what he called the two grand branches of causation: the efficient, or forceful as dyatic action; and the ideal, or final, as triadic action.”.

<sup>4</sup> “(...) aquele modo de por em execução fatos de acordo com uma descrição geral do resultado feita para efetuar-lo de forma bastante independente de alguma compulsão que o coloque neste ou naquele modo particular, embora o significado possa ser adaptado a um fim. O resultado geral pode ser efetuado em um tempo e um modo e, um outro, de outro modo. A causação final não determina em que modo particular isto acontecerá, mas somente que o resultado terá um certo caráter geral”. Tradução nossa.

<sup>5</sup> Tradução nossa. Em Santaella encontramos: “Efficient causation, on the other hand, is ‘a compulsion determined by the particular condition of things’, which acts ‘to make that situation begin to change in a perfectly determinate way; and what the general character of the result may be in no way concerns the efficient causation’(CP 1.211)” (Santaella, 1999, p.500)

agora na interpretação sgnica, enquanto a causalidade final está para um interpretante. Aliás, este seria o objetivo do signo: produzir seu interpretante final.

*“O interpretante final, que  uma regra de interpretao adequada do signo – **causao eficiente** –  também o estado futuro da interpretao.  o estágio final para qual o diálogo tende – **causao final**<sup>6</sup>. No entanto, ele só relativamente final, pois que sempre requer outras interpretaes em outros signos.”* (Santaella, 1985, p.10)

Ao contrário do que possa parecer, no entanto, esta não se d numa relação diádica pura, mas entre as relações de secundidade e terceiridade há em Peirce sempre a primeiridade presente. Não pode haver segundo e terceiro sem um primeiro. Se, o interpretante final  fruto de uma causao final ou ideal e, na relação signo-objeto o interpretante aparece como resultado desta ação anterior ou causao eficiente, esta, por sua vez,  precedida pelo acaso ou primeiridade implícita na tride.

Este termo, o acaso, coloca-se em posição bastante complexa para sua compreensão, inclusive para que não caamos numa resposta metafísica simplista, o que nos colocaria de volta na proposição anterior já feita por Bakhtin. Entendendo *“o acaso como um termo matemático para expressar as características de liberdade ou espontaneidade”*, ou ainda *“a variedade”* nos fenmenos (Santaella,1999, p.506)<sup>7</sup>, temos no acaso o elemento que põe a força bruta, a causao eficiente, em ao. Se na relação causao eficiente e final, temos na eficiente a compulsão da força bruta, do aqui-agora, na secundidade mesmo do fenmeno, conduzindo para uma regulação da lei na final, numa ordem de terceiridade que está no interpretante, a força  posta em ao pelo confronto com o acaso, com a variedade, com a multiplicidade de possibilidades intrínseca na oposição  lei, ao regramento, incluso no acaso como expressão da liberdade dos fenmenos. Isto se deve ao caráter inseparável que as categorias, ou eventos do fenmeno, possuem intrnsecos em si.

*“However, as Peirce’s categories are omnipresent and interrelated (CP 5.436, 7.532), considering final causality as Thirdness in isolation from Secundness or efficient causality would be as serious mistake as it would be to isolate both from Firstness, the category of chance and feeling. ‘Chance is but the outward aspect of that which within itself is feeling’(CP 6.265).”* (idem, p.503)<sup>8</sup>

<sup>6</sup> Observação grifada nossa, subentendida a partir do texto.

<sup>7</sup> No original, temos: *“Considering chance as the ‘mathematical term to express with accuracy the characteristic of freedom or spontaneity, of manifold specificness or diversity’(CP 6.201, 6.612), ...”*

<sup>8</sup>*“No entanto, como as categorias de Peirce so omnipresentes e interrelacionadas, considerando causalidade final como terceiridade “isolada” de secundidade ou causalidade eficiente, seria um sério engano tanto quanto seria*



De outro modo, temos na relação triádica de Peirce a seguinte relação causal:

*“Ora, um signo é uma coisa, A, que denota um fato ou objeto, B, para algum pensamento interpretante, C.(...)Ora, as categorias não podem ser dissociadas umas das outras na imaginação (nem das outras idéias). A categoria do primeiro pode ser prescindida do segundo e terceiro, e o segundo prescindido do terceiro. Mas segundo não pode ser prescindido do primeiro, nem o terceiro do segundo”* (Peirce, 1980, p.96)

E assim, temos que:

*“O elemento bruto existe e não pode ser explicado satisfatoriamente como Hegel fez. O objetivo do pensamento é a ação apenas enquanto o fim da ação é outro pensamento. É muito melhor abandonar a palavra pensamento e falar de representação e então definir que espécie de representação a consciência constitui.”* (idem, p.107).

Entendendo que para Bakhtin, as relações da consciência individual e do corpo ideológico como um todo estão intrínsecas nas relações infra-estrutura e superestrutura, aí temos não só mais um ponto de encontro entre os pensamentos de Peirce, como o que até aqui levantamos responde a esta questão e se enquadra na análise que buscamos fazer, afastando de uma vez por todas os fantasmas no entorno da metafísica. Santaella apresenta a resposta desta forma:

*“O que Peirce chama de ciência metafísica (um nome infeliz, aliás) que ele não chega a desenvolver, pode ser concebido como a ciência das ideologias, o que não entra em desacordo com a definição que ele próprio dá de metafísica. Para tal, certamente, temos de liberar o termo ideologia da estreita concepção de falsa consciência, caso contrário os termos justapostos – ciências das ideologias se mútuo excluiriam. Se Peirce diz que a metafísica é a ciência da realidade e que a realidade é o universo do signo, entendemos sua metafísica não como a teoria das entidades que descem do céu para a terra, mas como a realidade sígnica existente na interação social. (...) Queremos deixar aqui marcada a necessidade de pensarmos nas raízes do que a tradição marxista nos legou como superestrutura.”* (Santaella, 1980, p.30).

Neste sentido, o que para Bakhtin se coloca como condição metafísica está fora de questão em Peirce, pois este não se ocupa de um caráter místico e religioso da metafísica, mas ao contrário, vai mais longe que Bahktin e propõe o próprio signo em

---

*isolar ambas de primeiridade, a categoria do acaso e da sensação (sentimento). Acaso está para o aspecto externo daquele do mesmo modo que na interioridade está a sensação (sentimento).”* Tradução nossa.

sua condição metafísica. Chegamos então a um termo de fusão das teorias bastante satisfatório para o que aqui se pretende de modo a reafirmar a semiótica como uma interface importantíssima nos estudos de comunicação.

Se trouxermos esta abstração para o campo da leitura, o signo só comporá seus sentidos à medida que, movido pela força bruta, produzir, na internalização, o pensamento como movimento e, deste modo, gerando sentidos que constróem as representações da consciência. No entanto, só no momento em que o processo de semiose se produzir por inteiro (numa relação primeiridade, secundidade e terceiridade) é que de fato as significações se alargarão (semiose como ação do signo sobre signo). É desta forma que se pode pensar, nos termos bakhtinianos, em interação e, a partir dela, inferir o teor pedagógico e político que aí está empregado (leitura como espaço de aprendizagem e de encontros). Portanto, ao analisarmos um aspecto particular da cultura em suas relações superestruturais e infra-estruturais, como problema pertinente aos processos didático-pedagógicos, e por extensão, de políticas, inclusive públicas como a obiedade evidencia, faremos uma incursão nas bases epistemológicas mais detalhada na visão intersticial sígnica de cada um dos filósofos (se assim podemos chamá-los), o que se traça a seguir.

### **A articulação das categorias na especificidade do signo bakhtiniano**

Para uma melhor compreensão da articulação híbrida presente nas linguagens dos bens culturais, apontamos para a possibilidade de decompormos tais produtos, sejam eles quais forem, a partir de três matrizes da linguagem<sup>9</sup>: Linguagem Sonora, Linguagem Visual e Linguagem Verbal. Esta decomposição facilita em muito a observação do funcionamento interno de cada uma das linguagens as quais aparecem imbricadas entre si nos textos contemporâneos. Do mesmo modo, acreditamos que tal decomposição põe em relevo aspectos necessários para a resolução de problemas que colocam em causa o processo ensino-aprendizagem. E se tomarmos o eixo verbal como medida de referência iniciaremos pontuando as especificidades do signo-palavra.

Bakhtin em seu *Marxismo e filosofia da linguagem* aponta para a palavra como signo de maior potencial semiótico e, a partir daí, estabelece uma série de relações de

---

<sup>9</sup> Ao usarmos este termo “matrizes” tomamos como referência o fato de que para as linguagens, assim como para o pensamento, há apenas três e somente três matrizes, que ao se hibridarem triadicamente, formam um conjunto de

elementos, ou melhor, de características que compõem o signo. Para este filósofo russo, todo o signo simultaneamente é: *neutro* (tendo em vista que depende de um contexto para articular-se e ganhar valor); *reflexo* (espelho da realidade) e concomitantemente *refração* (distorção, alteração, deformação) desta mesma realidade, entendendo que ao articular-se a modifica; e *ideológico* no sentido de que em seu encadeamento expressa em suas subjacências um sistema de idéias que ratificam uma certa ordem social.

Também diz Bakhtin que, todo o signo possui *materialidade* e é um *elemento psicológico/formador de consciência*. Deste modo, se considerarmos o modelo de estrutura sêmica estabelecido por Saussure<sup>10</sup>, como ponto de partida, teremos na *materialidade* Bakhtiniana o significante e no *elemento psicológico/formador de consciência* o significado saussureano. No entanto, ainda temos os elementos *neutro*, *reflexo/refração* e *ideologia* que na linguística saussureana não aparecem.

Se, por outro lado, pensarmos em outras alternativas, nos depararemos com a semiótica Peirceana na qual encontraremos possibilidades dialógicas, como vimos anteriormente, e que conformam estes três elementos.

Na filosofia Peirceana encontramos para o signo uma relação triádica de grande valia para o estudo das linguagens. De acordo com a lógica (semiótica) de Peirce há uma relação tricotômica que postula nos signos. Para Peirce, linguagem e pensamento se imbricam, coexistem necessariamente. Este é o fenômeno que importa. Na tentativa de descrever o indizível se produz um segundo, um querer dizer que será expresso num terceiro, o próprio signo, ou a representação.

Nesta relação chamada de primeiridade, secundidade e terceiridade, Peirce nos revela três faces do signo que se desdobram em outras três e em uma relação em cadeia prospectiva que diferenciariam os signos. Esta diferença só pode ser estabelecida a partir da própria condição semântica que envolve o signo, pois o signo nos diz algo sempre, seja discursiva ou perceptivamente. A partir daí teremos relações de relações num sistema complexo desenvolvido por Peirce.

O que nos interessa aqui é observar que, se para Peirce, a estrutura do signo se dá entre *interpretante* – relação signo/interpretante – (a grosso modo<sup>11</sup>, o significado) e

---

possibilidades e desdobramentos dessas combinações e misturas resultando num total de até 81 modalidades. Lucia Santaella, *Matrizes da linguagem e do pensamento*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

<sup>10</sup> Em *Filosofia da linguagem e ideologia*, Bakhtin/Volosinov dedica uma extensa reflexão aos estudos saussureanos e os toma como referência em seu trabalho.

<sup>11</sup> Não tomamos, aqui, como tarefa nossa uma explicitação mais detalhada a respeito das categorias peirceanas num sentido de conceituá-las detalhadamente, posto que, sobre este ponto de vista, muitos trabalhos foram desenvolvidos. Sobre a conceituação das categorias e da classificação peirceana dos signos ver: (Peirce, 1980, p.88-97 e p.121-127);

*objeto* – relação signo/objeto – (referente), teremos na materialidade do signo o *representamem* – signo consigo mesmo – (com possibilidades para *ícone, índice e símbolo*, também a grosso modo). Dizemos que estas relações aí estão a grosso modo, tendo em vista que o sistema complexo de relações sobre relações desenvolvido por Peirce é muito mais complexo, como pode ser visto em suas relações linguagens/signo e percepção/cognição (Vide Santaella, 2001).

De qualquer modo, o que podemos dizer é que, quando Bakhtin toma a palavra como excelência semiótica, está se referindo ao que Peirce denominou *Símbolo* ou *terceiridade* ou ainda *legi-signo*. Portanto a filosofia Bakhtiniana analisa o *símbolo* (palavra – excelência semiótica) como *materialidade*, o que nos dá a relação *significante* ou signo consigo mesmo. Já o *elemento psicológico formador de consciência* seria o *Interpretante* Peirceano, ou a relação *signo/interpretante*. Ainda é possível dizer que em Bakhtin, a realidade como mundo objetivo está para a relação *signo/objeto* (referente). Quanto à *neutralidade, reflexo e refração e ideologia*, encontramos em Peirce a relação de *primeiridade, secundidade e terceiridade*. Relacionando um com o outro, de acordo com o esquema organizado por Peirce (Grellet, 1991, p.39), teremos então:

## EIXO HORIZONTAL

Para:

BAKHTIN	Palavra excelência semiótica (materialidade/significante)	Elemento psicológico formador de consciência (significado)	Realidade objetiva (referente)
PEIRCE	Signo consigo mesmo	Signo/interpretante	Signo/objeto

---

(Santaella/Nöth, 1998; Santaella, 1995 e 2001b, p.42-54); (Eco, 1980); (Pignatari, 1979, p.9-52); (Grellet, 1991). O que indicamos aqui - e que fazem parte de nosso referencial -, são apenas alguns dos muitos títulos à disposição sobre o assunto.

## EIXO VERTICAL

Para:

BAKHTIN	PEIRCE
Neutralidade:	Primeiridade: Qualidade pura, possibilidade;
Reflexo/refração:	Secundidade: Ação-reação, existente;
Ideologia:	Terceiridade: Lei, crença, hábito, lógica;

Deste modo, se encontramos um ponto de apoio que aproxima as duas teorias, para que possamos extrair daí proveito no que se refere à leitura, cabe ainda aqui, apontarmos o que diz Orlandi sobre este fenômeno, levando em conta que aí estão, de acordo com esta pesquisadora, três níveis, a saber: o inteligível, o interpretável e o compreensível.

*“a) o inteligível: ao que se atribui sentido atomizadamente (codificação);*

*b) o interpretável: ao que se atribui sentido, levando-se em conta o co-texto lingüístico (coesão);*

*c) o compreensível: é a atribuição de sentidos, considerando o processo de significação no contexto de situação, colocando-se em relação enunciado/enunciação.” (Orlandi, 1991, p.73)*

O que Orlandi propõe aí, é o caminho para o chamado percurso gerativo de sentido. No entanto, neste modelo, não há nem uma hierarquia ordenadora – posto supor-se que todas as etapas do processo podem ocorrer simultaneamente ou em ordens outras – nem, ou até por não haver, uma relação de subordinação entre as etapas. Por outro lado, se tomarmos que a compreensão enquanto fenômeno se aproxima da percepção e do perceber e que a interpretação está para a representação, poderíamos, num lance de nova aproximação, indicar uma correspondência outra, agora com uma ordenação baseada no que até aqui levantamos:

- a) Neutralidade: em que vemos os signos fora de seu contexto (evidenciando-os em seu eixo paradigmático) e que está para a primeiridade ou inteligibilidade primária – aquela relacionada à força bruta;

- b) Reflexo/refração: onde observamos as relações entre signos, e as possibilidades de significação que vão ganhando, a fim de garantir coesão textual, é o aqui e agora na leitura do texto, a presentificação da leitura, ação/reação que faz perceber ou compreender as chamadas entrelinhas discursivas produzidas por inferências;
- c) Encadeamento (ideologia/crença): Aqui observamos o eixo sintagmático de modo a podermos pressupor relações mais complexas entre o texto e seu contexto, campo da representação e portanto, da lei, segundo Peirce, e da ideologia segundo Bakhtin.

Vê-se aí uma aproximação satisfatória, ao nosso ver, dos processos de produção de linguagem nos seus campos teóricos delimitados por duas correntes que só na aparência se opõem, como já demonstrado. Ao inserir-se a teoria de leitura à fusão, o que se tem é um percurso muito claro de produção de sentidos que pode, do ponto de vista pedagógico, ser incorporado aos sistemas de aprendizagem, sobretudo porque abrem pressupostos didáticos que colaboram com o processo educativo que vislumbra, em seu projeto, a gestação de núcleos educacionais que se organizem como produtores de sentido e de conhecimento. Eis o caráter Estatal que abarca a discussão. Leitura é interação sócio-cultural e, como parte do processo comunicativo, é amplo espaço de atuação política, seja como lugar marcado para encontros e conflitos, seja como espaço de cooperação mútua. É com base nestas incursões que poderemos então compreender a relação de mediação que a linguagem estabelece entre superestrutura e infra-estrutura preservando o *status quo*, o que pode nos dar poder de transformação. Nas relações infra-estruturais estratégicas é que se sustenta a ideologia superestrutural. Portanto, são os mecanismos estratégicos, postos nas linguagens, por exemplo, o que buscamos compreender a partir da fusão teórica. E neste sentido, não há uma intenção nossa de privilegiar uma nomenclatura em detrimento de outra, mas apenas, em resposta à fusão, demonstrar o percurso encadeador estratégico presente em nosso cotidiano cultural. Desvelar para revelar, agir para re-agir são os ensinamentos que as linguagens nos trazem quando as olhamos por dentro e por fora. Eis o nosso caminho!

## **BIBLIOGRAFIA**

- ADORNO, T. *Educação e emancipação*. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- BAKHTIN, M.(VOLOSINOV). *Marxismo e Filosofia da linguagem*, Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi. São Paulo:Hucitec,1995.

- BARROS, D. L. P. de & FIORIN, J. L. (orgs.) *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- ECO, U. *Tratado Geral de Semiótica*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- GRELLET, V. *Fundamentos para uma psicologia semiótica*. Diss. Mest. São Paulo: Puc, 1991.
- KOCH, I. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1993.
- NÖTH, W. *Panorama da semiótica. De Platão à Peirce*. São Paulo: Annablume, 1995.
- ORLANDI, E. P. "O inteligível, o interpretável e o compreensível." In: ZILBERMAN, R.(org.) *Leitura, perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: ática, 1991.
- PACHECO, E. D. (org.) *Televisão, criança, imaginário e educação*. Campinas: Papirus, 1998.
- PAZA, A. D., *A infância capturada: o mito de míd(i)as*. Dissertação de Mestrado (Apoio FAPESP), São Paulo: ECA/USP, 2002.
- PEIRCE, C. S. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Os pensadores*. São Paulo: abril cultural, 1980.
- PIGNATARI, D. *Semiótica & Literatura*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979. 2ª edição revisada e ampliada.
- ROCCO, M.T. F. *Linguagem autoritária*. São Paulo: brasiliense, 1989.
- SANTAELLA, L. *Produção de Linguagem e Ideologia*. São Paulo: Cortez, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Dialogismo(M. M. Bakhtin e Ch. S. Peirce: semelhanças e diferenças)* In; cruzeiro semiótico. Porto: Assoc. Portuguesa de semiótica, 1985. (p. 5-13)
- \_\_\_\_\_. *A assinatura das coisas. Peirce e literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Cultura das mídias*. São Paulo: Experimento, 1996.
- \_\_\_\_\_. *A new casality for the understanding of the living*. *Semiótica*, 127-1/4. p.497-519, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Pesquisa e Comunicação*. São Paulo: Hacker editores, 2001a.
- \_\_\_\_\_. *Matrizes da Linguagem e do pensamento*. São Paulo: Iluminuras, 2001b.